

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

## À PROVA DE EMPREENDEDORISMO POR NECESSIDADE: A CONDIÇÃO DE LATINO-AMERICANAS UNIVERSITÁRIAS PARA EMPREENDER

Edmilson Lima<sup>1</sup>  
Claudia Álvarez<sup>2</sup>  
Juan Arriaga Múzquiz<sup>3</sup>

**Resumo:** As latino-americanas abrem muitos negócios, dadas suas dificuldades para integrar o mercado de trabalho. Contudo, as universitárias escapam da tendência ao empreendedorismo por necessidade e têm potencial mais elevado para empreender por sua formação e consequente flexibilidade de escolha profissional. Visto isso, visamos contribuir para a resposta à questão como se caracteriza a condição das estudantes universitárias latino-americanas quanto a sua preparação e seu interesse para tornarem-se empreendedoras? Os resultados vêm de um *survey* com 13.999 universitários de ambos os gêneros de IES do Brasil, da Colômbia e do México. Eles responderam nosso questionário online sobre educação em empreendedorismo, intenção empreendedora e autoeficácia, entre outros aspectos. Os resultados são mistos quanto ao hiato de gênero, a fazer disciplinas ligadas ao empreendedorismo e à percepção da aprendizagem. Não houve clara diferenciação dos países quanto aos aspectos analisados. As conclusões destacam temas promissores para pesquisa futura e relações contraintuitivas identificadas no Brasil entre gênero, empreendedorismo e classe social carentes de mais investigação.

**Palavras-chave:** Mulheres. Empreendedorismo. Estudantes. Educação em empreendedorismo.

### 1 Introdução

Apesar do hiato de gênero repetitivamente confirmado em empreendedorismo (Jennings e Brush 2013), não se pode negar a grande complementaridade entre os gêneros na geração do desenvolvimento socioeconômico com empreendedorismo nos diversos países. Para as nações latino-americanas, o percentual de mulheres que empreendem é particularmente alto, já que nos países em desenvolvimento, mais do que nos desenvolvidos, enfrentam dificuldades para entrar no mercado formal de trabalho e muitas tendem a realizar atividades de negócio para evitar o desemprego e a pobreza (Minniti e Naudé, 2010). Por exemplo, quando se trata da taxa de atividade empreendedora com novos negócios (TEA), as mulheres estão mais

<sup>1</sup> Professor do Programa de Pós-Graduação em Administração da UNINOVE e do Programa de Mestrado Profissional em Gestão do Esporte da UNINOVE (Brasil). E-mail: edmilsonlima@uninove.br.

<sup>2</sup> Professora da Universidad EAFIT (Colombia). E-mail: alvarezclaudia@gmail.com.

<sup>3</sup> Professor do Tecnológico de Monterrey - EGADE Business School (México). E-mail: juan.arriaga@itesm.mx.

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

próximas dos homens em países como Brasil – 17,1% e 17,45% respectivamente – e México – 19,74% e 18,31% respectivamente (Singer, Amorós e Arreola, 2015).

Mesmo que o empreendedorismo por necessidade seja uma das explicações para a elevada taxa de empreendedorismo com novos negócios entre as mulheres na América Latina (AL), há uma categoria específica de mulheres em preparação para a carreira que não parece estar sob o efeito desse mesmo fator: as estudantes universitárias. Elas não se deixam impulsionar por necessidade em suas escolhas de carreira por terem estudos universitários como um ativo ainda raro para a maioria da população latino-americana. Seu nível de estudo universitário lhes assegura mais oportunidades de trabalho e de escolha de carreira do que ocorre para a grande maioria da população.

Portanto, quando se interessam em fazer negócios, as mulheres dessa categoria, mesmo não sendo impulsionadas por necessidade, tendem a contribuir mais do que aquelas que o são para as economias latino-americanas com uma forma de empreendedorismo que gera mais benefícios socioeconômicos – mesmo que não se trate necessariamente do empreendedorismo movido pela exploração de oportunidades. Sua superioridade na geração de tais benefícios deve-se principalmente ao fato de que trabalham com negócios por livre escolha (já que pessoas com mais escolaridade normalmente têm certa facilidade para escolher um trabalho), são mais bem preparadas para empreender e têm negócios que tendem a apresentar mais (do que os realizados por necessidade) potencial de inovação, crescimento e criação de empregos.

Não obstante a significância do empreendedorismo feminino, estudos acadêmicos na AL têm dado pouca atenção ao tema, em comparação ou não com o empreendedorismo masculino. Assim, a ideia de quase uma década de que o tema é consideravelmente subestudado ainda é válida (Greene, Brush e Gatewood 2007; Bruin, Brush e Welter 2006), especialmente nessa referida região. Quando se trata de estudantes universitários, a falta de pesquisa é ainda maior.

A partir dessas considerações, o objetivo do estudo aqui apresentado é contribuir na geração de respostas para a seguinte pergunta: *como se caracteriza a condição das estudantes universitárias latino-americanas quanto a sua preparação e seu interesse para tornarem-se empreendedoras?* Lima et al. (2015a) também destacam a necessidade de se tratar dessa mesma questão, dadas duas razões principais: (1) a alta taxa de mulheres com novos negócios (como indicam as TEA para o Brasil e o México), taxa sugerindo que um elevado número delas beneficiaria a economia e se beneficiaria com educação superior que incluía uma adequada preparação em empreendedorismo; (2) a demanda feminina por educação em empreendedorismo (EE) é mais alta do que a masculina nas IES brasileiras, por exemplo – além disso, as abordagens pedagógicas usadas na AL geralmente não consideram diferenças de gênero para maximizar os resultados da educação. Mais conhecimento sobre as particularidades das estudantes latino-americanas ajudaria a entender e a atender sua demanda por EE e potencialmente melhorar suas condições de vida, assim como a de suas famílias e países.

Para o atendimento do objetivo, o levantamento (*survey*) utilizou seis amostras totalizando 13.999 respostas, divididas em pares mulher-homem para o Brasil, a Colômbia e o México – como critério de organização dos dados e análises, quando possível, os nomes dos

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

países aparecem segundo a ordem decrescente de seu respectivo número de respostas. A abordagem metodológica empregou procedimentos de pesquisa quantitativa básicos e robustos propícios à identificação de resultados promissores a serem mais profundamente explorados em pesquisas futuras.

## **2 Empreendedorismo feminino**

Pesquisas precedentes confirmam consistentemente que as mulheres têm um nível inferior de intenção empreendedora (Jennings e Brush, 2013; Matthews e Moser, 1996) e autoeficácia (exemplos: Bandura, 1997; Chen, Greene e Crick, 1998) em comparação com os homens. Essas diferenças são não apenas mostradas por resultados empíricos bem estabelecidos na literatura, mas também traços centrais do hiato de gênero em empreendedorismo. Em um estudo usando uma amostra de 162 estudantes de uma universidade privada e de prestígio paulistana, Ghobril et al. (2006) também confirmaram o hiato de gênero relativo à intenção empreendedora. Adicionalmente, as mulheres em geral apresentam uma tendência mais moderada a ter seu próprio negócio (Klyver, Nielsen e Evald, 2013).

A literatura oferece vários fatores explicativos para o hiato, tais como a atitude que acompanha cada gênero (Evans e Leighton, 1989), razões culturais e discriminação contra a mulher (Neumark e McLennan 1995), atitudes sociais quanto à mulher em relação aos negócios (Huq e Richardson 1997) e o tipo de exemplo que se tem no contexto familiar (Schiller e Crewson, 1997). Portanto, o gênero de uma pessoa é um dos melhores indicadores para se prever se ela se tornará empreendedor(a) (Shane, 2008).

Frequentemente, a literatura enfatiza que as mulheres têm maior tendência a limitar o espectro de suas escolhas de carreira por acreditarem que não têm as habilidades necessárias para ser empreendedoras de sucesso (baixa autoeficácia – Bandura, 1997; Chen, Greene e Crick, 1998). Contudo, isso não significa que sejam realmente menos hábeis que os homens para chegarem a esse fim. Comparando habilidades de adolescentes de ambos os gêneros com a percepção que eles tinham das mesmas habilidades, Kourilsky e Walstad (1998) constataram que, mesmo com grande similaridade das habilidades reais entre os gêneros, as adolescentes viam-se como menos hábeis do que realmente eram. Por sua vez, Jones e Tullous (2002) relatam que as mulheres que eles estudaram subestimavam suas habilidades financeiras no período imediatamente anterior à abertura de uma empresa.

Levando em consideração esses resultados quanto ao hiato de gênero, verificá-lo também para as seis amostras latino-americanas de nossa pesquisa parece ser um passo compulsório para se abrir o caminho a outras descrições menos comuns da condição das estudantes quanto a seu interesse e sua preparação para empreender. Nesse sentido, serão confrontadas com os dados as três proposições seguintes, derivadas da literatura aqui citada:

P1: As estudantes têm intenções empreendedoras mais moderadas do que os estudantes homens.

P2: As estudantes têm autoeficácia mais moderada do que os estudantes homens.

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

P3: As estudantes têm seu próprio negócio menos frequentemente que os estudantes homens.

A confrontação das proposições com novos dados latino-americanos é particularmente promissora porque a noção de que a EE e o empreendedorismo relativos às mulheres são subestudados mostra-se especialmente aplicável à AL, onde estudos dos temas são particularmente raros. Nesse sentido, um melhor entendimento das diferenças entre mulheres e homens na EE e no empreendedorismo poderia ser útil para lhes oferecer educação mais adequada, mais chances de acertarem na escolha de carreira e dela tirarem o melhor, assim como para se aperfeiçoarem as contribuições de ambos os gêneros para o desenvolvimento socioeconômico da AL.

O carácter promissor do estudo dos temas torna-se ainda mais claro se considerarmos também que tais diferenças impactam significativamente a macroeconomia (Minniti, Allen e Langowitz, 2006), tendo como uma de suas diversas explicações as possíveis características socioeconômicas das mulheres, incluindo educação, riqueza, condição familiar e status no trabalho (Minniti e Naudé, 2010).

Como enfatizado por essas duas autoras, as diferenças entre gêneros realmente existem (Blanchflower, 2004; Cowling e Taylor, 2001; Minniti, Arenius e Langowitz, 2005) e as mulheres tendem a contar com menos anos de experiência de trabalho (Aronson, 1991; Lee e Rendall, 2001). Usando contribuições de outras pesquisas, as autoras também informam que as mulheres dos países emergentes se parecem com aquelas dos países desenvolvidos quanto ao fato de que, mais frequentemente do que os homens, contam com o apoio de sua família de origem para empreender (Anthias e Mehta, 2003; Brush, 1992; Greve e Salaff, 2003; Justo e DeTienne, 2008). Para muitas mulheres, esse apoio é um fator crítico para criarem seu próprio negócio (Huq e Richardson, 1997). Além disso, os negócios das mulheres tendem a crescer menos do que os dos homens (Coleman, 2007; DuReitz e Henrekson, 2000). Uma demonstração disso é apresentada por Terjesen e Amorós (2010), que identificam porcentagens relativamente altas de empreendedorismo feminino na AL e no Caribe, mas com apenas 13% dos negócios tendo à frente mulheres interessadas em crescimento para os próximos cinco anos.

A partir desse novo conjunto de resultados de pesquisa, uma nova lista de proposições sustentadas pela literatura emerge. Para elas também, a confrontação com dados latino-americanos parece promissora.

P4: Estudantes mulheres contam mais com o apoio dos pais para iniciar um negócio do que os estudantes homens.

P5: Os negócios das estudantes são menores (em número de empregados) do que os dos estudantes homens.

### 3 Dados e métodos

Os dados do estudo foram obtidos com o questionário *online* da edição 2013-2014 do Estudo Mundial sobre Empreendedorismo junto aos Estudantes Universitários (GUESSS -

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

*Global University Entrepreneurial Spirit Students' Survey*) usado no Brasil, na Colômbia e no México. O GUESSS é um estudo internacional de painel que envolveu 34 países na edição de 2013-2014, cujos respondentes produziram 109.026 respostas, incluindo as 13.999 originadas nos três países que investigamos. Ele permite comparações entre países, universidades e demais conjuntos de dados que os pesquisadores podem montar a partir das respostas obtidas (homens e mulheres, por exemplo). O questionário registra frequências e contém questões de múltipla escolha utilizando principalmente escalas de cinco ou sete pontos. Entre outros elementos, ele viabiliza medidas de EE e contexto universitário (Souitaris, Zerbinati e Al-Laham, 2007 – com algumas adaptações), assim como intenção empreendedora e seus determinantes, incluindo *locus* de controle e autoeficácia (Chen, Greene e Crick, 1998; Liñán e Chen, 2009).

Realizamos análises de frequência das respostas, dado que as amostras eram estatisticamente infinitas (Levy e Lemeshow 1999) e usamos comparativos de médias. A tabela 1 sintetiza as características das seis amostras: Brasil (6.904 mulheres e 5.634 homens), Colômbia (409 mulheres e 386 homens) e México (274 mulheres e 360 homens). Na tabela, as porcentagens mais altas são destacadas em amarelo e aquelas que são elevadas, mas de segunda ordem, são destacadas em cinza.

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

Tabela 1- Características das amostras (em %)

<b>IDADES</b>	Graduação	88,8	88,9	96,1	94,0	54,9	40,0
	M.B.A.	3,2	2,5	0,2	1,0	17,6	25,6
	Mestrado	5,0	5,3	3,4	4,4	26,4	31,7
	Doutorado	2,6	3,0	0,0	0,3	0,7	2,5
	Pós-doutorado	0,4	0,3	0,2	0,3	0,4	0,3
<b>ESTADO CIVIL</b>	Solteiro	78,7	77,8	93,4	90,6	83,2	69,1
	Tem um parceiro(a)	6,6	6,7	3,4	2,9	1,8	3,9
	Casado(a)	12,5	14,1	2,9	5,7	12,4	25,3
	Divorciado(a)	2,2	1,4	0,2	0,8	2,6	1,7
<b>TRABALHO</b>	Tem um emprego regular	52,1	57,4	17,4	30,1	46,4	62,8
<b>CAMPO DE ESTUDO</b>	Administração	24,2	21,8	40,4	29,3	54,7	52,9
	Direito	3,7	3,8	3,7	0,3	2,2	2,2
	Economia	1,7	2,4	4,7	3,9	1,1	2,5
	Outras ciências sociais, incluindo Educação	8,9	4,6	1,2	1,6	2,9	0,0
	Engenharia/Arquitetura	11,9	26,5	23,5	40,9	14,2	25,1
	Matemática e Ciências Naturais	5,8	5,5	2,0	0,5	2,9	2,2
	Informática / TI	2,2	8,5	4,9	6,2	4,0	7,8
	Medicina e Ciências da Saúde	10,9	5,2	8,6	6,2	4,4	1,1
	Agronomia, Engenharia Florestal e Nutrição	3,8	4,1	2,9	2,1	0,7	0,6
	Letras e estudos culturais, incluindo Psicologia, Filosofia e Religião	3,7	1,5	2,5	1,3	3,6	0,8
	Artes e Ciência da Arte	2,7	1,9	0,2	0,8	4,4	1,7
	Outra	20,5	14,1	5,4	7,0	4,7	3,1

Para se resumir as semelhanças entre as amostras, há de se destacar que o percentual mais alto do total de respondentes está na categoria “abaixo de 25 anos”. A maioria é graduando (com exceção dos estudantes homens do México) e solteiros. No Brasil, a maioria tem um emprego – no México, isso ocorre apenas com estudantes homens. Altos percentuais de respondentes são do campo de estudo da Administração, sendo maioria no México. Há também uma alta porcentagem dos respondentes concentrados no campo da Engenharia / Arquitetura, principalmente homens.

Não foram realizados testes estatísticos (teste U, qui-quadrado e/ou V de Cramér) para a tabela 1, pois ela apresenta frequências apenas de modo descritivo, não comparativo. Não se vê o mesmo caso para os resultados apresentados na próxima seção, essencialmente baseados

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

em comparações de médias e frequências devidamente acompanhadas dos testes estatísticos apropriados.

**4 Resultados e discussão**

Diferentes resultados obtidos reafirmam o hiato de gênero em empreendedorismo (ver os primeiros seis itens na tabela 2), enquanto outros não. As comparações mulher-homem com diferenças estatisticamente significantes entre resultados (destacadas em amarelo na tabela 2) apresentam as estudantes com nível mais baixo de intenção empreendedora (menos para o México) e mais frequentemente querendo um emprego para cinco anos após a formatura (menos para o Brasil).

Tabela 2- Comparações

Item	Brazil			Colombia			Mexico		
	Women	Men	t or $\chi^2_{(1)}$	Women	Men	t or $\chi^2_{(1)}$	Women	Men	t or $\chi^2_{(1)}$
Entrepreneurial intention*	<b>3.99</b>	<b>4.42</b>	<b>t: p &lt; 0.05</b>	<b>5.14</b>	<b>5.24</b>	<b>t: p &lt; 0.05</b>	5.55	5.77	t: p > 0.05
Want to be an employee	86.8%	82.5%	$\chi^2$ : p < 0.05	82.4%	75.1%	$\chi^2$ : p < 0.05	80.3%	69.2%	$\chi^2$ : p < 0.05
Want to be an employee 5 y.a.	58.3%	51.2%	$\chi^2$ : p < 0.05	<b>30.3%</b>	<b>29.0%</b>	<b><math>\chi^2</math>: p &gt; 0.05</b>	<b>21.9%</b>	<b>14.4%</b>	<b><math>\chi^2</math>: p &gt; 0.05</b>
Self-efficacy*	<b>5.00</b>	<b>5.12</b>	<b>t: p &lt; 0.05</b>	5.09	5.18	t: p > 0.05	5.57	5.50	t: p > 0.05
Trying to start a business	11.7%	20.0%	$\chi^2$ : p < 0.05	21.0%	32.9%	$\chi^2$ : p < 0.05	29.6%	45.3%	$\chi^2$ : p < 0.05
Already have a business	4.3%	7.3%	$\chi^2$ : p < 0.05	10.8%	15.5%	$\chi^2$ : p < 0.05	10.6%	19.2%	$\chi^2$ : p < 0.05
Parental support*	<b>4.16</b>	<b>3.80</b>	<b>t: p &lt; 0.05</b>	3.96	3.84	t: p > 0.05	<b>4.29</b>	<b>3.53</b>	<b>t: p &lt; 0.05</b>
Number of employees	4.30	5.93	t: p > 0.05	1.08	2.63	t: p > 0.05	2.83	16.08	t: p > 0.05

\* Using a seven-point scale.

Portanto, os itens “quero ser um(a) empregado(a)”, “tentando iniciar um negócio”, “já tenho um negócio” e “número de empregados” devem ser descartados para comparação entre gêneros para cada país. Tal fato impede a confirmação da proposição P5 (“Os negócios das estudantes são menores...”). Usando uma ideia de exclusão hipotética e tomando-se apenas um país por vez, se o Brasil não estivesse na análise, o número de itens descartados seria maior e menos proposições poderiam ter alguma confirmação. O mesmo não ocorreria se a Colômbia ou o México, países com menos comparações estatisticamente significantes, não estivesse na análise.

A confrontação das cinco proposições com os dados apresenta resultados mistos. Como indica a tabela 2, vários resultados têm (e outros não têm) diferenças estatisticamente significantes para pares de amostra mulher-homem nos países para cada item considerado. Todas as comparações destacadas em amarelo na tabela 2 (pois são estatisticamente significantes) confirmam o hiato de gênero já caracterizado na literatura e sintetizado nas proposições P1 a P3. Adicionalmente, como P5 não pode ser confirmada (segundo explicação acima), a última proposição a confrontar aos dados é P4, que se confirma para o Brasil e o México apenas.

A tabela 2 sugere um considerável decréscimo da proporção de estudantes que querem ser empregados entre os dois momentos, imediatamente após a formatura e cinco anos após a formatura. É um resultado que também ocorre no relatório internacional do GUESSS (Sieger,

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

Fueglistaller e Zellweger, 2014), que cobre 34 países, incluindo Brasil, Colômbia e México. Similarmente, repetindo outro de nossos resultados, o relatório indica que o decréscimo das porcentagens de estudantes que querem ser empregados imediatamente após a formatura é absorvido como aumento dos percentuais de ser empreendedor cinco anos após a formatura.

Também na tabela 2, o decréscimo brasileiro é o menor, com o masculino sendo maior do que o feminino. Essa observação reforça a existência do hiato de gênero (proposição P1). Para os outros países, todos os decréscimos ocorridos são superiores a 45%, sendo o feminino mais alto do que o masculino, o que contradiz P1. Uma explicação possível para essa diferença entre os resultados do Brasil em relação aos demais países é a diferença de constituição das amostras, dado que a amostra brasileira tem menor concentração de respondentes nos campos de estudo Administração e Engenharia/Arquitetura. Em estudos precedentes, notou-se que esses dois campos de estudo apresentam os níveis mais elevados de intenção empreendedora (Lima et al., 2014; Sieger, Fueglistaller e Zellweger, 2014). Assim, poder-se-ia facilmente pensar que as estudantes tendem a inverter o hiato de gênero particularmente nesses dois campos de estudo – algo que parece atrativo e promissor para estudos futuros mais aprofundados sobre mulheres não impulsionadas por necessidade no empreendedorismo.

O exercício de se tentar fazer variadas comparações com os elementos da tabela 2 é limitado pela contraindicação de se fazer comparações entre países cujas amostras totais apresentam grande discrepância de tamanho. Tal tipo de comparação poderia gerar resultados distorcidos que deveriam ser considerados com muita precaução (Williams, 1991), o que justifica nossa parcimônia ao tratarmos de diferenças entre países neste trabalho. Uma solução clássica para a limitação é, primeiro, retirar randomicamente das maiores amostras o mesmo número de respostas da menor amostra e, a partir daí, padronizar o tamanho de todas as amostras segundo o tamanho da menor (Williams, 1991). Com tal procedimento, a riqueza de detalhes obtida com o alto número de respostas de uma ou outra das amostras tornar-se-ia inútil para se tornarem possíveis as comparações entre amostras menores, mas de tamanho equilibrado. Para se evitar esse *trade-off* de possibilidades não atrativas, uma abordagem mais interessante seria a ampliação da coleta de dados para as amostras nacionais e conseguinte padronização de seus tamanhos com um número elevado de respostas. Essa é uma possibilidade para a próxima edição da coleta bienal e internacional de dados do GUESSS, mostrando-se como uma solução atrativa para melhores estudos futuros em colaboração entre coordenadores do GUESSS de diferentes países.

Outros resultados mostram que as estudantes não apresentam claras diferenças em comparação aos estudantes homens em relação ao quanto avaliam o clima de sua IES como propício à aprendizagem e ao comportamento ligados ao empreendedorismo ( $p > 0,05$  nos testes  $t$ ). Elas superam os estudantes homens quanto ao nível de sua percepção da aprendizagem que ocorre nas disciplinas e atividades de empreendedorismo no Brasil (média = 4,67 e 4,59, respectivamente;  $p < 0,05$  no teste  $t$ ), mas não na Colômbia ou México ( $p > 0,05$  nos testes  $t$ ). Em comparação com os estudantes homens, elas consideram o empreendedorismo ligeiramente mais arriscado na Colômbia (média = 4,19 e 3,94, respectivamente;  $p < 0,05$  no teste  $t$ ), mas não se pode dizer o mesmo para o Brasil ou para o



*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

México ( $p > 0,05$  nos testes  $t$ ).

As frequências da informação “Eu não fiz disciplina em empreendedorismo ainda” para estudantes mulheres e homens são respectivamente 60,2% e 56,2% para o Brasil ( $\chi^2_{(1)}=19,744$ ;  $p < 0,05$ ), 44,0% e 47,0% para a Colômbia ( $\chi^2_{(1)}=0,728$ ;  $p > 0,05$ ) e 28,3% e 31,6% para o México ( $\chi^2_{(1)}=0,809$ ;  $p > 0,05$ ). Há independência estatística entre as amostras feminina e masculina apenas para os dois últimos países. Portanto, apenas as diferenças para Colômbia e México podem ser consideradas, o que indica que as respondentes mulheres mais frequentemente fizeram uma ou mais disciplinas em empreendedorismo em ambos os países. Elas estão mais próximas dos estudantes homens na frequência de terem informado que fizeram ao menos uma disciplina obrigatória no México (mulheres: 41,5%; homens: 41,2%;  $\chi^2_{(1)}=0,006$ ;  $p > 0,05$ ), o único país que apresenta independência entre as amostras na comparação. Os outros dois não têm tal independência e suas comparações não podem ser consideradas: Brasil (mulheres: 28,5%; homens: 29,7%;  $\chi^2_{(1)}=2,461$ ;  $p < 0,05$ ) e Colômbia (mulheres: 25,2%; homens: 19,2%;  $\chi^2_{(1)}=4,118$ ;  $p < 0,05$ ).

O fato de que a maioria dos respondentes é mulher (exceto para o México) sugere que elas estão particularmente interessadas em questões relacionadas à carreira e ao empreendedorismo. O fato converge com a superioridade (55,4%) de respostas femininas no trabalho de Lima et al, (2015a), que usou os mesmos métodos que a pesquisa aqui apresentada e dados do GUESSS brasileiro para estudar uma amostra de 25.751 estudantes (mulheres e homens) de 37 IES brasileiras. Em seus resultados, as mulheres foram a maioria (54,8%) querendo mais EE em sua formação.

As amostras brasileiras foram as únicas a terem dados também sobre a classe social dos respondentes. Assim, com essas amostras, foi possível identificar elementos interessantes que poderiam ser mais profundamente analisados no futuro usando-se novas amostras para os mesmos três países, ou mesmo mais, na AL se todas elas contiverem dados do mesmo tipo sobre classe social. Um resultado que parece particularmente promissor para desenvolvimentos futuros é que, de acordo com os dados brasileiros, o hiato de gênero relativo à intenção empreendedora tende a decrescer à medida que baixa a classe social dos estudantes universitários (não confundir simplesmente com o nível de renda da família deles). Isso contradiz o que pode ser deduzido da literatura internacional sobre a relação entre classe social e empreendedorismo, que enfatiza uma maior tendência a empreender da classe média alta (Lima, Nelson e Nassif, 2014). Uma razão para essa maior tendência é a capacidade mais desenvolvida das classes sociais mais elevadas para apoiar o empreendedorismo de seus filhos devido à grande diversidade de recursos econômicos e não econômicos que podem oferecer a eles (Aldrich, Renzulli e Langton, 1998).

Além disso, para as estudantes, a intenção empreendedora torna-se clara e sistematicamente mais alta à medida que o nível de educação de seus pais decresce (um dos indicadores usados para determinar a classe social da família dos estudantes). O mesmo ocorre com a autoeficácia. Os resultados repetem os de Lima, Nelson e Nassif (2014), que, adicionalmente, caracterizam um hiato de gênero menor para uma classe social mais baixa para o Brasil. Os autores obtiveram seus resultados a partir de comparações entre quatro amostras de respondentes do GUESSS 2011: 7.690 mulheres estudantes e 5.720 homens

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

estudantes de uma IES frequentada pela classe média baixa, assim como 782 mulheres estudantes e homens estudantes 615 de uma IES frequentada pela classe média alta.

A relação entre empreendedorismo e classe social é importante e tem um considerável impacto no desenvolvimento econômico, o que é também demonstrado para a AL (Kantis, Federico e Trajtenberg, 2012) – o conceito de classe social define-se pelos capitais econômico, cultural, social e simbólico das famílias (Bourdieu, 1984). As combinações da classe social e do empreendedorismo com a EE parecem importantes na explicação da preparação para o empreendedorismo e dos níveis de intenção e autoeficácia empreendedoras dos estudantes universitários, particularmente para as mulheres (Lima, Nelson e Nassif, 2014). Portanto, as interações entre empreendedorismo, classe social e EE poderiam ser úteis para se entender um fato recorrente constatado em estudos internacionais (no GEM e no GUESS, por exemplo): que normalmente há níveis mais elevados de indicadores de empreendedorismo (TEA, intenção empreendedora, autoeficácia empreendedora, etc.) em países em desenvolvimento. Estes têm uma porção expressiva da população nas classes sociais mais baixas, como se vê em muitos países latino-americanos.

## 5 Conclusão

As maiores surpresas originadas nas respostas dos estudantes concernem à falta de confirmação das proposições P1 a P5 em diferentes países em relação aos itens da tabela 2 quanto a aspectos tais como intenção empreendedora, autoeficácia, ter um negócio, apoio dos pais e número de empregados. Elementos do hiato de gênero e o apoio mais elevado dos pais para as mulheres não se confirmam para todas as situações. Isso não implica necessariamente a negação do hiato e do apoio mais elevado dados às mulheres nem nega a possibilidade de inversão do hiato de gênero nas situações e países considerados. Em outras palavras, as estudantes poderiam até mesmo ser superiores em itens como a intenção empreendedora e a autoeficácia em alguns países – por exemplo, Colômbia e México. Para itens como “tentando iniciar um negócio” e “número de empregados”, isso poderia acontecer para todos os países considerados. Assim sendo, estudos futuros mais detalhados sobre o conjunto de itens da tabela 2 são recomendáveis para os três países. Se uma inversão do hiato de gênero for enfim confirmada, seria importante investigar as razões do fato e suas implicações para a administração e a elaboração de políticas públicas relativas à EE dirigida tanto às mulheres quanto aos homens. Os resultados desse tipo de investigação poderiam se combinar a outros estudos, como os de Lima et al. (2015a, 2015b), visando-se um quadro mais amplo e profundo de melhorias da EE nos países latino-americanos.

Adicionalmente, como demonstrado com estatísticas fora das tabelas 1 e 2, as estudantes têm uma frequência ligeiramente mais alta que os estudantes homens quanto a fazerem disciplinas de empreendedorismo em IES Colombianas e Mexicanas. O fato pode ser um sinal de que as estudantes têm maior interesse pela preparação dirigida ao bom entendimento do empreendedorismo e à exploração de oportunidades para empreender – particularmente nesses dois países.

Finalmente, outra sugestão promissora para estudos futuros é investigar as conexões

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

entre empreendedorismo, classe social e EE na América Latina dando-se atenção especialmente às mulheres não impulsionadas por necessidade ao empreendedorismo, que são as estudantes universitárias, e a seu potencial diferenciado para produzir desenvolvimento socioeconômico.

**Referências bibliográficas**

- Aldrich, H. E., Renzulli, L., Langton, N. (1998). Passing on Privilege: Resources Provided by Self-Employed Parents to their Self-Employed Children. In: Leicht, K. (ed.), *Research in Social Stratification and Mobility*. Greenwich: JAI Press, 291-318.
- Anthias, F., Mehta, N. (2003). The Intersection between Gender, the Family and Self-employment: the Family as a Resource. *International Review of Sociology*, 13(1), 105-116.
- Aronson, R. L. (1991). *Self-Employment: A Labor Market Perspective*. Ithaca: ILR Press.
- Bandura, A. (1997). *Self-efficacy: The exercise of control*. New York: Freeman.
- Blanchflower, D. G. (2004). Self-employment: More may not be better. *Swedish Economic Policy Review*, 11: 15-73.
- Bourdieu, P. (1984). *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bruin, A., Brush, C. G., Welter, F. (2006). Introduction to the Special Issue: Towards Building Cumulative Knowledge on Women's Entrepreneurship. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 30(5), 585-593.
- Brush, C. G. (1992). Research on Women Business Owners: Past Trends, a New Perspective and Future Directions. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 16(4): 5-31.
- Chen, C., Greene, P. G., Crick, A. (1998). Does Entrepreneurial Self-Efficacy Distinguish Entrepreneurs from Managers? *Journal of Business Venturing*, 13, 295-316.
- Coleman, S. (2007). The Role of Human and Financial Capital in the Profitability and Growth of Women-owned Small Firms. *Journal of Small Business Management*, 45(3), 303-319.
- Cowling, M., Taylor, M. (2001). Entrepreneurial Women and Men: Two Different Species? *Small Business Economics*, 16(3): 167-176.
- Du Reitz, A., Henrekson, M. (2000). Testing the Female Underperformance Hypothesis. *Small Business Economics*, 14(1), 1-10.
- Evans, David S., Leighton, Linda S. (1989). Some Empirical Aspects of Entrepreneurship. *American Economic Review*, 79(3), 519-535.
- Ghobril, A. N., Carvalho Filho, A. F., Forte, D., Nakamura, W. T. (2006). Propensão a Empreender de Estudantes Universitários no Brasil. *REA – Revista Eletrônica de Administração*, 5(1).

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

- Greene, P. G., Brush, C. G., Gatewood, E. (2007). Perspectives on Women Entrepreneurs: Past Findings and New Directions. In: Minniti, M. (ed.). *Entrepreneurship: The Engine of Growth*, v. 1. Londre: Praeger Publisher.
- Greve, A., Salaff, J.W. (2003) Social networks and entrepreneurship, *Entrepreneurship Theory and Practice*, 28(1): 1–22.
- Huq, A., Richardson, P. (1997). Business Ownership as an Economic Option for Middle-income Educated Urban Women in Bangladesh. *Frontiers of Entrepreneurship*, Babson College.
- Jennings, J. E., Brush, C. (2013). Research on Women Entrepreneurs: Challenges to (and from) the Broader Entrepreneurship Literature? *The Academy of Management Annals*, 7(1), 661-713.
- Jones, K., Tullous, R. (2002). Behaviors of Pre-venture Entrepreneurs and Perceptions of their Financial Needs. *Journal of Small Business Management*, 40(3), 233-249.
- Justo, R., DeTienne, D.R. (2008). Gender, Family Situation and the Exit Event: Reassessing the Opportunity-Cost of Business Ownership. Working paper. IE Business School Working. Madrid. [http://www.latienda.ie.edu/working\\_papers\\_economia/WP08-26.pdf](http://www.latienda.ie.edu/working_papers_economia/WP08-26.pdf). Accessed on March 25, 2015.
- Kantis, H., Federico, J. S., Trajtenberg, L. A. (2012). Entrepreneurship, Economic Mobility, and Entrepreneurial Propensity: A Regional View Based on the Analysis of Selected Latin American Countries. Working paper. Inter-American Development Bank, Department of Research and Chief Economist. <http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=36985865>. Accessed on March 25, 2015.
- Klyver, K., Nielsen, S. L., Evald, M. R. (2013). Women's Self-employment: An Act of Institutional (dis)Integration? A Multilevel, Cross-country Study. *Journal of Business Venturing*, 28(4), 474-488.
- Kourilsky, M., Walstad, M. (1998). Entrepreneurship and the Female Youth: Knowledge, Attitudes, Gender Differences and Educational Practices. *Journal of Business Venturing*, 13, 77–88.
- Lee, M. A., Rendall, M. S. (2001) Self-employment Disadvantage in the Working Lives of Blacks and Females. *Population Research and Policy Review*, 20: 291-320.
- Levy, P. S., Lemeshow, S. (1999). *Sampling of Populations: Methods and Applications*. New York: John Wiley & Sons.
- Lima, E., Nassif, V. M. J., Lopes, R. M. A., Silva, D. (2014). Educação Superior em Empreendedorismo e Intenções Empreendedoras dos Estudantes - Relatório do Estudo GUESSS Brasil 2013-2014. Working paper. <https://grupoapoe.files.wordpress.com/2015/01/cp-2014-03-relatorio-estudo-guesss-brasil-2013-2014.pdf>. Accessed on March 25, 2015.

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

- Lima, E., Nelson, R., Nassif, V. M. J. (2014). Genre, classe sociale et entrepreneuriat: une attention particulière sur les étudiants d'un pays émergent. Paper presented at the CIFEPME – Congrès International Francophone en Entrepreneuriat et PME. Agadir, Morocco. [http://airepme.org/images/File/AGADIR2014/Lima\\_Nelson\\_Nassif.pdf](http://airepme.org/images/File/AGADIR2014/Lima_Nelson_Nassif.pdf). Accessed on March 25, 2015.
- Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J., Silva, D. (2015a). Opportunities to Improve Entrepreneurship Education: Contributions Considering Brazilian Challenges, *Journal of Small Business Management*, 53(4): 1033-1051.
- Lima, E., Lopes, R. M. A., Nassif, V. M. J., Silva, D. (2015b). Ser seu Próprio Patrão? Aperfeiçoando-se a Educação Superior em Empreendedorismo, *RAC - Revista de Administração Contemporânea*, 19(4): 419-439.
- Liñán, F., Chen, Y. W. (2009). Development and Cross-Cultural Application of a Specific Instrument to Measure Entrepreneurial Intentions. *Entrepreneurship: Theory and Practice* 33(3), 593-617.
- Matthews, C. H., Moser, S. B. (1996). A Longitudinal Investigation of the Impact of Family Background and Gender on Interest in Small Firm Ownership. *Journal of Small Business Management*, 34(2), 29-43.
- Minniti, M., Allen, E., Langowitz, N. (2006). The 2005 Global Entrepreneurship Monitor Special Topic Report: Women in Entrepreneurship. Center for Women Leadership, Babson College.
- Minniti, M., Arenius, P., Langowitz, N. (2005). The 2004 Global Entrepreneurship Monitor Special Topic Report: Women in Entrepreneurship. Center for Women Leadership, Babson College.
- Minniti, M., Naudé, W. (2010). What Do We Know about the Patterns and Determinants of Female Entrepreneurship across Countries? *European Journal of Development Research*, 22: 277-293.
- Neumark, D., McLennan, M. (1995). Sex Discrimination and Women's Labor Market Outcomes. *The Journal of Human Resources*, 30: 713-740.
- Schiller, B., Crewson, P. (1997). Entrepreneurial Origins: A Longitudinal Inquiry. *Economic Inquiry*, 35(3): 523-531.
- Shane, S. (2008). *The Illusions of Entrepreneurship: The Costly Myths that Entrepreneurs, Investor, and Policy Makers Live by*. New Haven: Yale University Press.
- Sieger, P., Fueglistaller, U., Zellweger, Z. (2014). Student Entrepreneurship across the Globe: A Look at Intentions and Activities. International Report of the GUESSS Project 2013/2014. St.Gallen: Swiss Research Institute of Small Business and Entrepreneurship at the University of St.Gallen (KMU-HSG). [http://www.guesssurvey.org/PDF/2013/GUESSS\\_INT\\_2013\\_REPORT.pdf](http://www.guesssurvey.org/PDF/2013/GUESSS_INT_2013_REPORT.pdf). Accessed on March 25, 2015.

*Tema 6: Ensino em empreendedorismo e em gestão de pequenas empresas*

Singer, S., Amorós, J. E. Arreola, D. M. (2015). Global Entrepreneurship Monitor - 2014 Global Report. <http://www.gemconsortium.org/docs/download/3616>. Accessed on March 25, 2015.

Souitaris, V., Zerbinati, S., Al-Laham, A. (2007). Do Entrepreneurship Programs Raise Entrepreneurial Intention of Science and Engineering Students? The Effect of Learning, Inspiration and Resources. *Journal of Business Venturing*, 22, 566-591.

Terjesen, S., Amorós, J. E. (2010). Female Entrepreneurship in Latin America and the Caribbean: Characteristics, Drivers and Relationship to Economic Development. *European Journal of Development Research*, 22(3): 313-330.

Williams, F. (1991). *Reasoning with Statistics: How to Read Quantitative Research*. Orlando: Harcourt Brace J. College Publishers.